

# Sinal só é sinal quando é sinal...



Pe. Celson Altenhofen e Leonardo Núñez de M Reis



“Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens” (Mt 5, 13).

Toda a fundamentação dos sacramentos ministrados pela nossa Igreja pode ser encontrada nas Sagradas Escrituras, mais especificamente, nas ações vividas por Jesus Cristo. Estes são sinais visíveis de Deus no mundo hoje e têm a finalidade de acompanhar toda a nossa caminhada, configurando-a e nos auxiliando no processo de nos configurarmos à imagem de Cristo.

Deus mesmo fala por sinais (“falou de muitas maneiras...”). Quando quis se tornar presente neste mundo para reconstruir seu plano, tornou-se um sinal. Fez-se visível, palpável através da encarnação, tornando-se sacramento. Voltando para o Pai, Cristo deixa-se continuar através de um sinal: a Igreja. O mistério de Cristo perpetua-se na Igreja pela sua presença, que a serve mediante sinais instituídos por Ele próprio, que significam e produzem o dom da graça e são designados como sacramentos.

A palavra latina “sacramentum” significa, etimologicamente, algo que santifica e equivale em grego ao vocábulo “mistério”: coisa sagrada, oculta ou secreta.

No AT já encontramos a realidade de sacramento, significando qualquer coisa sagrada ou religiosa: o Cordeiro Pascal, os sacrifícios, a circuncisão... Mas, estas realidades diferem essencialmente dos Sacramentos do NT, porque aqueles não produziam a graça, mas apenas eram figuras da graça que viria mediante a Paixão de Cristo.

Os sacramentos são expressões de fé, de união, da graça e da bênção de Deus, que nos leva a comprometer-nos cada vez mais com nossos irmãos, nos faz crescer na capacidade de servir e transformar a sociedade; por isso Deus nos criou para sermos felizes, nos deu inteligência e liberdade, mas em troca pediu o nosso amor e nossa fidelidade.

Jesus Cristo é o grande sacramento do amor para com os homens: sinal visível e eficaz.



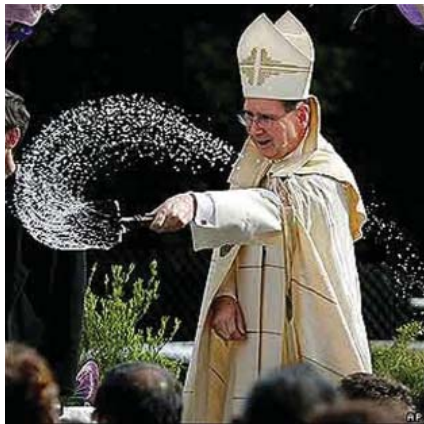
J e s u s viveu conosco, passou por este mundo fazendo o bem, morreu, ressuscitou. Quis permanecer sempre perto de nós, encontrando-se conosco. Esses encontros são os sinais de amor de Jesus por nós. Os sacramentos são sinais certos de sua presença amiga durante toda a nossa vida. Só Jesus Cristo poderia inventar tais encontros: são frutos do seu amor.

Por serem ações de Cristo e da Igreja, sinais e meios pelos quais se exprime e se fortalece a fé, se presta culto a Deus e se realiza a santificação das pessoas, em sua celebração, os ministros sagrados e os outros fiéis devem usar de suma veneração e devida diligência (cf cân. 840).

Os sacramentos não têm poderes mágicos, não são simpatias para afastar mau-olhados ou coisas do gênero, não servem para trazer sorte e nem servem como milhas para se chegar ao céu. Não será o número de vezes ou quais os sacramentos que recebi ao longo da vida que me conduzirão à visão de Deus; não é isso que me fará experienciar o seu Amor. Enfim, não é o mero ritualismo repetitivo que me levará ao céu. O importante é a coerência da minha vida em consonância com os sacramentos que recebi, celebri e aos quais respondi com a vontade de conformar-me a Cristo, de fazer a minha vida semelhante com a de Cristo.



Entretanto, as práticas sacramentais ao longo da história, sobretudo depois de Constantino, foram tomando proporções e caminhos que, por vezes, as afastaram da sua intencionalidade original.



Esse afastamento foi transformando os sacramentos num pragmatismo exagerado, correndo o grande risco de não serem mais sinais de Deus para os homens, de não fazerem mais sentido.

O que preocupa é o perigo de os sacramentos serem

reduzidos em meros ritualismos, dessalgando-os, pois o sal que perde seu sabor não servirá para mais nada, a não ser para ser pisoteado pelos homens. E, infelizmente, não é raro vermos diversos abusos e distorções em relação aos sacramentos, tanto da parte de quem os ministra, quanto da parte de quem os procura.

A Igreja orienta: “os pastores de almas e os outros fiéis, cada um conforme seu próprio múnus eclesiástico, têm o dever de cuidar que todos os que pedem os sacramentos estejam preparados para recebê-los, mediante devida evangelização e instrução catequética” (cân. 843 § 2).

O matrimônio é certamente o sacramento que mais padece de distorções e mal-entendidos. Inúmeros casais, que não praticam a religião católica, não foram crismados e não frequentam as missas, não sabem o que é vida de e em comunidade, por questões sociais ou por credices, procuram a igreja mais bonita ou mais barata para se casarem.

Muitos acham que só serão uma família se casarem na Igreja e dela receberem as bênçãos, o que não constitui em si o sacramento do matrimônio, que é algo bem diferente e maior que uma simples bênção.

Em contrapartida, os sacerdotes muitas vezes acolhem esses casais quase que obrigados porque existe o direito ao casamento na Igreja para quem apresenta um mínimo de disposição, mediante pagamento dos custos do casamento, e realizam aquela cerimônia que é inconsistente. Até usa-se o discurso equivocado de que é uma oportunidade de conversão daquele casal, esquecendo-se que uma conversão autêntica é um processo e não se dará num evento social, o que é, de fato, a visão de muitos que pedem o casamento na Igreja. Depois não há como lamentar a visão errônea do povo que acha que pode alugar a Igreja ou lamentar outras aberrações do gênero.

Sem entrar na questão polêmica da idade para se batizar - no princípio somente adultos eram batizados, o que mudou depois da reforma constantina.

Na administração do sacramento do batismo também há diversos equívocos: batiza-se por diversas razões como evento social, trazer sorte e bom sono ao bebê, espantar mau-olhado ou para curar alguma enfermidade... Em sua grande maioria, os pais não são católicos praticantes e não têm a menor consciência e vivência religiosa para avaliar a dimensão do sacramento que estão pedindo.

Por melhor que sejam as palestras de preparação para o batismo, elas não são suficientemente eficazes em vista de uma compreensão ampla do sacramento do batismo para quem não frequenta e não professa a religião.

O sacramento da reconciliação é visto, muitas vezes, de forma bem limitada, como se este fosse apenas um “bombril divino”, que apaga as manchas do seu pecado, sem levar em conta a exigência de uma séria revisão de vida e o comprometimento autêntico de conversão.

A celebração eucarística e, mais especificamente, a comunhão sacramental é, às vezes, vista de forma muito alienada, sem conexão com o dia a dia do indivíduo, esquecendo-se do “Fazei isto em memória de mim.” Ou seja, sem considerar que comungar é fazer da sua vida a memória de Cristo, com suas atitudes, gestos e palavras. Comungar não é apenas um momento de interiorização que acaba ao término da missa.

Enfim, diversas são as distorções que todos percebemos e permitimos, por vezes até incentivando na prática dos sacramentos, o que faz com que estes cada vez mais percam o seu sabor e sentido. E, esta situação é preocupante, pois além de distorcer uma verdade revelada, dificulta o crescimento, o avivamento e a ação transformadora de Deus na vida das pessoas.

